

“OS ESQUELETOS VIVOS”: UMA GENEALOGIA DA ANOREXIA

MIRAPALHETA, Francine Oliveira¹; SILVA, Méri Rosane dos Santos²

¹Universidade Federal do Rio Grande – franmirapalheta@gmail.com –Bolsista Capes

²Universidade Federal do Rio Grande – meri.rosane@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse texto é o resultado da pesquisa que estamos realizando no mestrado em Educação em Ciências: química da vida e saúde, pela Universidade Federal do Rio Grande.

Para fundamentar teoricamente essa pesquisa, que tem por objetivo central refletir a emergência do discurso da anorexia como uma patologia na atualidade, a partir do discurso científico, utilizamo-nos da perspectiva pós-estruturalista, procurando compreender quais os deslocamentos, os processos de produção de verdades e as condições de possibilidades que produziram/produzem a anorexia.

Para isso, entendemos que a emergência do discurso da anorexia como uma doença pode ser visto como um acontecimento. Por acontecimento compreendemos a partir da perspectiva Foucaultiana, uma série de fatos descontínuos que possuem duração própria, empurrando-se num mesmo momento da história e que têm certo número de relações.

Para alcançar o objetivo, concordando com FOUCAULT (2000), pensamos que não existe uma verdade científica única e legítima e buscamos pensar na verdade com sendo algo deste mundo. Por compreendermos que as “verdades” são produzidas, buscamos por meio do referencial teórico de FOUCAULT (2000 e 2007), algumas ferramentas da genealogia para pensar a anorexia na atualidade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançar o objetivo, empregamos como metodologia algumas ferramentas da genealogia, a partir do referencial teórico de FOUCAULT (2007), pois essas referências teórico-metodológicas possibilitam pensar e fazer a história sobre a anorexia de modo desconfiado, pensando no que é dado como “verdade única”. Como essa pesquisa ainda não foi “concluída”, visto que uma análise genealógica nunca terá conclusões, os dados que foram coletados até o momento se referem às produções científicas ligadas à temática, em que estamos analisando a produção do discurso científico relacionado à anorexia como doença.

Até o momento, foram coletados 65 artigos na base de dados da Scielo Brasil, tendo como palavra-chave de busca a “anorexia”. Dos artigos coletados, todos foram publicados em revistas brasileiras. Há, em sua grande maioria, artigos publicados em revistas da área da psiquiatria, mas também a presença de outras áreas, como, por exemplo, endocrinologia, odontologia, pediatria e nutrição. O período de publicação dos artigos varia de 1993 e 2010, e para delimitar o *corpus de análise*, esse período foi delimitado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entendemos que não há uma essência para o que seja a anorexia e seguindo a perspectiva pós-estruturalista¹, não compreendemos a anorexia como somente uma doença.

Para compreender os processos de produção de verdade sobre a anorexia é necessário olhar a história que é contada sobre ela de forma desconfiada. Faz-se importante refletir a história de forma descontínua, “não mais um tempo único, evolutivo, que englobe em seu interior todos os fenômenos humanos, mas uma série de **acontecimentos** com durações próprias, acotovelando-se num mesmo momento da história.” (WEINMANN, 2003, p. 51, grifo meu).

O que entendemos e desconfiamos é que, para que a anorexia se produzisse/produza a ser como é (ou não é) hoje em dia, houve uma série de acontecimentos, fatos que fizeram com que o discurso científico emergisse e se tornasse uma verdade. É a emergência desse discurso que buscamos olhar na dissertação. Para isso, ao contrário da história tradicional, que descreve-a história de forma evolutiva e em sua essência, pensamos a história nas suas rupturas, nas suas manifestações de poder e nos seus acontecimentos.

Em suma, entendemos que os discursos produzidos sobre anorexia são parte um processo de produção de verdades. A partir da ciência tradicional a anorexia é classificada como uma doença, sem abrir diferentes explicações. Não desconsideramos essa classificação, mas está não é a única produção de verdade(s) sobre a anorexia.

Gostaríamos de apresentar alguns dados coletados dos livros que estão dando base teórica até o momento e que contam um pouco da história “oficial” da anorexia. Esses livros que estão sendo analisados nos ajudaram a pensar o acontecimento anorexia sob o olhar do discurso científico e a analisar os 65 artigos encontrados na base de dados da Scielo Brasil.

O livro “*Do altar às passarelas*”, de Cordás e Weinberg, descreve os jejuns das Santas da igreja católica como sendo práticas anoréxicas. Os autores comparam a prática de jejuar e suas características com a prática da anorexia nervosa. Eles acreditam que, mesmo em tempos diferentes, tanto as santas como as meninas anoréxicas de hoje em dia compartilhavam da mesma doença. Além do livro, os mesmos autores apresentam um artigo na base de dados Scielo Brasil, denominado “Santa Rosa de Lima: uma santa anoréxica na América Latina?”, em que comparam os hábitos alimentares e de jejum da Santa Rosa de Lima com os das anoréxicas na atualidade.

Além das Santas da igreja católica, existiam as *fasting girls* ou *miraculous maidens*, que eram consideradas as “artistas da fome” (WEINBERG e CORDÁS 2006, p. 56). As “artistas da fome” participavam de espetáculos em feiras para mostrar ao público suas habilidades em jejuar e a capacidade de sobreviver sem ingerir nenhum tipo de alimento. Os “esqueletos vivos”, como também ficaram conhecidas, fizeram grande sucesso no século XVII em várias cidades da Europa.

Outra descrição feita é a da Clorose, também apresentada pelos autores como princípio da anorexia nervosa que se conhece hoje. A “doença das virgens” ou a “febre amorosa” como também era chamada foi apresentada pela primeira vez em 1554 por Lange. A “doença das virgens” era comum em jovens que estavam prestes a se casarem e que por capricho recusavam-se a comer certos alimentos, acentuando o emagrecimento (WEINBERG e CORDÁS 2006).

¹ Utilizando das palavras de Silva, “o pós-estruturalismo define-se como uma continuidade e, ao mesmo tempo, como uma transformação relativamente ao estruturalismo” (2011, p. 118)

Marcé em 1859 passa a considerar os casos de falta de apetite em meninas como distúrbios nervosos profundos. Ele acreditava que as pacientes com falta de apetite, amenorréia e a convicção de que não precisam comer eram insanas. Diferentemente de Marcé, Gull e Lasèque em 1873 descrevem a anorexia nervosa como “doença mental ou a doença orgânica (...) cujo diagnóstico implicava em uma aberração moral ou mental enraizada no sistema nervoso” (BRUMBERG apud WEINBERG e CORDÁS 2006, p. 65). Gull e Lasèque passam a ser conhecidos como os pais da então chamada anorexia nervosa. Esses dados aparecem para além dos livros, sendo apresentados em diversos artigos que estão sendo analisados.

Já o livro *“Anorexia, Bulimia e Obesidade”* de Busse (2004) contribui com outras informações. O autor relata que a primeira descrição de sintomas relacionados com a anorexia foram relatados por Morton em 1691. O médico inglês descreveu os sintomas comuns em jovens como “doença da consuação”

De acordo com Busse (2004) o conhecimento produzido sobre a anorexia nervosa como se conhece hoje foi sistematizado e descrito pela primeira vez por Gull, em 1874, passando a ser observado e considerado como uma doença, uma “doença mental”, que ocorria com mais freqüência no sexo feminino. Começa-se a olhar as práticas das jovens que realizam jejuns com outros olhos. Antes de Gull, as práticas relacionadas com o que viria a ser a “anorexia nervosa” eram dispersas e descritas de diversas formas. Entendemos que, a partir do discurso científico coloca-se em funcionamento uma doença que produz sujeitos “anormais” e “doentes”.

4. CONCLUSÕES

Ao entender a anorexia a partir do discurso pós-moderno de ciência, haverá sempre algo novo para se escrever sobre o tema. Pensamos que mesmo com a grande quantidade de materiais já publicados sobre anorexia, sempre haverá outras formas de se olhar este tema que, para nós, é curioso e instigante.

Neste breve texto procuramos apresentar os caminhos que estão sendo trilhando para a realização de uma genealogia do discurso científico sobre anorexia. Como optamos pela genealogia, entendemos que no início, no meio e no fim da pesquisa é impossível de se falar de resultados finais, prontos e concluídos. Pensar em genealogia é pensar em uma história que está sempre em movimento e que nunca terá “resultados finais”.

O que temos neste artigo são escolhas, pistas, e muitas leituras que estão nos ajudando a pensar a anorexia de forma diferente, desnaturalizada e parte de um discurso (ou discursos) que foram construídos ao longo dos tempos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSSE, Salvador de Rosis (org.). **Anorexia, Bulimia e Obesidade**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BRUMBERG, Joan Jacobs. **Fasting Girls: the history of anorexia nervosa**. New York: Vintage Books, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos VI: repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitari, 2000.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

HENNING, Paula Corrêa. **Profanando a ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades**. In: Currículo sem fronteiras, v.7, n.2, PP.158-184, Jul/Dez 2007. Revista online.

MACHADO, Roberto. **Foucault a ciência e o saber**. 4 ed – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MALSON, Helen. **The thin women: feminism, post-structuralism and the social psychology of anorexia nervosa**. New York: Routledge, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

_____. **Olhares....** In: Marisa Vorraber Costa. (Org.). Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em Educação. 2 ed. Rio de Janeiro (RJ): Lamparina, 2007b, v. , p. 23-38

WEINBERG, Cybelle e CORDÁS, Táki. **Do altar às passarelas: da anorexia nervosa à anorexia santa**. São Paulo: Annablume, 2006.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **O conceito de Acontecimento na pesquisa em história da educação**. In: Educação e Realidade, v. 28, n.1, PP 49-63, Jan/Jun 2003.